

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanario Macaense d'interesses publicos locais, litterario e noticioso.

ASSIGNATURA

Anno \$8.
Semestre 5.
Trimestre 3.
Folha avulsa 25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRITORES,
Não excedendo de 20 linhas, ..\$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRITORES,
Não excedendo de 10 linhas, ..\$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1º. ANNO

QUINTA-FEIRA 28 DE JULHO DE 1864.

No. 43

MACAU 27 DE JULHO

No *Ultramar*, jornal da India, vem publicado o programma da caixa de seguros mutuos sobre a vida, e que é administrada pelo monte-pio geral de Lisboa.

Esta caixa tem uma agencia em Goa, e foi desta agencia que o *Ultramar* recebeu o alludido programma, o qual no fim deste artigo transcrevemos, para que os nossos leitores apreciem as grandes vantagens, que esta boa instituição offerece aos seus associados.

As agencias, que estes magnificos estabelecimentos criam nas nossas colonias, teem um duplo fim de utilidade, porque ao mesmo tempo que dão incremento á associação pelo augmento do numero dos associados, abrem nas nossas colonias um vasto campo á virtude, derramando os principios de moralidade, e proporcionando a todos pela economia um futuro melhor do que o presente.

Por estes principios, porque não podia ser por outros, mereceu a cidade de Goa esta agencia ao monte-pio geral; e Macau pelo mesmo motivo entendemos que não é menos credor de uma igual aquisição.

Sobre a necessidade de uma instituição desta ordem em Macau, já por vezes temos fallado largamente neste jornal, e agora sentimos que o monte-pio geral se não lembrasse tambem desta cidade quando se lembrou da de Goa, para estabelecer aqui uma agencia da utilissima caixa que administra.

Não queremos entrar na questão de que a associação possa ou não tirar maiores resultados na India do que em Macau, mas fundados no que já temos demonstrado, vamos tratar das vantagens que da agencia a que nos referimos podem redundar para a associação e para esta terra.

Macau, com quanto se possa dizer que gosou em outro tempo de um estado florecente, está hoje como abatido pela decadencia do seu commercio, se bem que não é ainda inferior ao de Goa. Comtudo á época da prosperidade passou, embora tenhamos assim mesmo toda a esperança de a ver raiar novamente em nosso horizonte. Os filhos desta terra, pela actual decadencia do commercio, não acham aqui um qualquer rumo de vida, conforme suas capacidades e cathogorias, e por isso são obrigados a procurarem-no em solo estrangeiro. É grande o numero delles espalhado hoje pelas proximas colonias inglezas e por todos os portos da China. Só em Hong-kong se acham perto de dois mil, e todos elles com ordenados de grande vulto. Mas não ha nem um só que se esqueça de sua familia, porque são boas as qualidades que os caracterizam, e justas e nobres as suas aspirações. Aqui teem elles paes, mães, irmãs e esposas, a quem estão fa-

zendo valiosos beneficios, e se tivessem de perto um meio de lhes ser ainda mais uteis, isto é, se o monte-pio geral creasse aqui uma agencia da secção de socorros mutuos que administra, associar-se-hiam em pouco tempo a essa bella instituição um grande numero de filhos desta terra.

Estamos por tanto convencidos de que essa agencia em Macau seria como um thesouro para os individuos deste paiz, onde os bons filhos, irmãos, esposos e paes não só procurariam o recurso contra as adversidades da fortuna, mas ainda a garantia de um amparo incorruso para as suas familias, as quaes podemos dizer que elles amam do coração, pois não são equivoacas as provas que estão dando desse sentimento tão digno de louvor.

Ha individuos de Macau, que estão vencendo trez e quatro contos de réis annuaes em casas commerciaes inglezas, e que sem lhes fazer a menor falta entram na caixa com avultadas sommas no presente, em proveito seu e da associação, pois não só contribuiriam assim para a prosperidade do estabelecimento, mas preparariam um bom futuro para si e para as suas familias. A diversos tempos ouvido dizer que se não ha associação a uma tal instituição, somente pelo facto d'ella se achar tão longe desta terra, e que se um dia Macau lhes merecesse uma agencia, esta poderia contar logo com centenas de associados.

Repetimos, pois, que não podemos agora calcular a concurrencia de associados, que a agencia da caixa poderá ter na India, mas que a agencia em Macau, fazendo um grande beneficio a esta terra, tiraria ao mesmo tempo valiosos resultados, isso podemos nós assegurar pelos motivos que acabamos de expender.

Eis o programma da caixa a que nos referimos:

CAIXA PORTUGUEZA DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA.

ADMINISTRADA PELO MONTE-PIO GERAL.

"Acha-se aberta a inscrição para esta sociedade, que se julgará constituída no 1.º de julho proximo futuro.

"Para as subscrições realisadas até 30 de junho seguinte pagar-se-ha á entrada apenas 1% por cento da quantia subscripta, para despesas de administração. Depois d'aquella epocha a commissão será de 3% por cento.

"A primeira liquidação terá lugar em janeiro de 1859.

"Como garantia de boa gerencia, o monte-pio geral offerece a constante e crescente prosperidade de uma administração, que já dura ha vinte e tres annos.

"Cumpre porém advertir os que desconhecem as especialidades do novo genero de transações em que vai entrar o monte-pio geral, que os que pretendem auferir as grandes vantagens do emprego de fundos em mutualidade, não encontrarão probabilidades de maiores lucros preferindo outra associação commercial, em que haja maior capital social, ou um grande numero de subscrições.

"Todas as associações de seguros mutuos, com a base da nossa, não fazem mais que armazenar os titulos de divida publica recebidos, e seus respectivos juros. E em quanto ao numero dos subscriptores é facil de ver que o menos dividido por poucos pode até ser maior que o muito dividido por muitos." E especialmente em relação ás companhias hespanholas deve actualmente ser o lucro ali menor, pois que os fundos publicos teem no nosso paiz uma cotação inferior.

"Pela experiencia obtida em outras companhias estrangeiras, pode avaliar-se o que produzirá uma subscrição annual de 10,000 réis pela seguinte tabella:

IDADE DO SEGURADO	EM 5 ANNOS	EM 10 ANNOS	EM 15 ANNOS	EM 20 ANNOS	EM 25 ANNOS
Desde 1 dia a 1 anno	110,000	400,000	900,000	2,000,000	4,700,000
" 1 anno a 2 annos	90,000	300,000	750,000	1,700,000	3,700,000
" 2 " a 3 "	80,000	290,000	710,000	1,600,000	3,600,000
" 3 " a 4 "	80,000	280,000	700,000	1,560,000	3,400,000
" 4 " a 15 "	80,000	270,000	700,000	1,550,000	3,350,000
" 15 " a 20 "	80,000	270,000	700,000	1,540,000	3,300,000
" 20 " a 30 "	80,000	270,000	710,000	1,560,000	3,400,000
" 30 " a 40 "	80,000	270,000	720,000	1,600,000	3,700,000
" 40 " a 50 "	90,000	300,000	750,000	1,800,000	5,000,000

"Passados os 50 annos a probabilidade de lucro augmenta em segunda escala.

"A inscrição effectua-se todos os dias das 9 horas da manhã ás tres da tarde no escriptorio do monte-pio geral, rua do Ouro, no. 6, onde se distribue gratuitamente o regulamento da caixa de seguros.

"Os individuos que preferirem a uma contribuição annual, dar mensalmente a prestação correspondente, poderão depositar-na na caixa economica do monte-pio geral, do que lhe resultará o lucro annual de 3 por cento relativo ás quantias depositadas.

"O pobre que até agora não tinha onde depositasse o fructo das suas economias com a certeza de um dia as ver multiplicar, ali tem a caixa de seguros. O remedio da fortuna e mesmo o abastado que se quizerem precaver contra os azares da sorte, tão frequentes na vida, ali tem a caixa de seguros. O pai que pretender crear dotes para suas filhas ou estabelecer os filhos em certa epocha, entre nos seguros com uma quantia que satisfaça as suas vistas, se as quizer vir realisadas.

"Finalmente, todo o homem que comprehender a epocha em que vive, for bom pai, bom marido e bom cidadão, deve satisfazer a estes triplices deveres, augmentando os seus recursos para do futuro poder satisfazer ás necessidades, que a civilização cria em troco das comodidades que ella incessantemente offerece e realisa.

"A menor que se admite é de cinco mil réis por anno, isto é, menos de 420 em cada mez!

"O contracto effectua-se:

"1.º. Com risco de perda de capital e juros.

"2.º. Sem risco de perda de capital.

"3.º. Com risco de perda de capital, salvando os interesses.

"Para se poder comprehender melhor este jogo, aqui se apresenta o mechanismo d'un contracto.

"Um pai tem muitos filhos, não pode segurar todos, e quer subrevertor com cem mil réis annuaes, escolhe aquelle que julga em melhores condições de vitalidade, e declara o segurado; mas não quer que esse filho gosse somente aquillo a que todos os mais teem direito, nomea a mãe como interessada ou dá-se a si proprio como tal. Morreu a mãe, se a escolha tinha recabido sobre ella, o subscriptor torna a nomear outro interessado; mas arrendeu-se depois da nova nomeação, elegue ainda outra pessoa. Por este modo o subscriptor pode fazer tantas declarações, durante todo o tempo do contracto, como pode fazer testamentos: só a que não mude é o segurado, cuja vida está, por assim dizer, hypothecada á sociedade, porque ainda o primitivo subscriptor pode ser substituido por outro, ficando o contracto valido em toda a sua plenitude."

JAPÃO.

RECREEMOS jornaes do Japão até 12 do corrente. O Taicun voltou a Yeddo, de Kioto, acompanhado por grande numero de Damios. Isto foi a principio julgado como grande movimento politico, porem por enquanto nada transpira. Parece, e são grandes as probabilidades, que as esquadras estrangeiras no Japão, se dirigiram em breve ás Ilhas do mar, afim de obterem pela força a abertura destes estreitos á navegação e ao commercio. Esta medida precisa

é o resultado d'uma conferencia que houve entre os ministros estrangeiros residentes em Kanagawa, na qual ficou concordado, derigirem todos um *ultimatum* ao governo do Japão sobre a abertura dos estreitos, dando um prazo, fuido o qual os navios de guerra estrangeiros empregarão a força de que dispõem, não dando o governo japonês as providencias necessarias. O facto é que ás ultimas noticias os navios de guerra estavam prontos a levantar ferro á primeira voz. Metade desta força naval irá para os estreitos de Simonoseki, ficando a outra metade na bahia de Yokohama, para protecção do estabelecimento.

A tropa, que de Hongkong partira no *Chanticleer* e *Queen of England*, já tinha chegado.

Uma carta fidedigna de Shanghai, datada de 19 do corrente, nos diz que alli se recebera requisição de Mr. Aleock, ministro inglez no Japão, para as forças inglezas existentes em Shanghai partirem para Kanagawa, em consequencia do que se mandará promptar, para partir sem demora, meia bateria dos reaes artilheiros, duas companhias do regimento 67, e um destacamento dos reaes engenheiros. Este auxilio devia embarcar no dia 22 no vapor *Tukeing*.

Este pedido de Sir R. Aleock, justifica as serias apprehensões que havia no Japão a respeito do negocio de abrir os referidos estreitos, e por isso devem ser interessantes as proximas noticias.

Os navios de guerra estrangeiros actualmente no Japão são 22, dos quaes 15 são inglezes, 2 francezes, 4 hollandezes, e 1 americano, todos elles montando 392 bocas de fogo.

COMMUNICADO.

Li uma carta, firmada com as duas letras: F. A., que com data de 12 do corrente, vem publicada no No. 278 do *Echo do Povo*. O auctor desta carta, pelo que diz, é tambem o auctor de uma correspondencia, que, firmada com iguaes letras, me pediu ha tempos que a publicasse no *Ta-ssi-yang-kuo*, onde effectivamente a publicuei.

Este senhor, posto que se saiba já bem em Macão o seu verdadeiro nome, quero contado occultal-o aqui; e, posto que se diga que S. Sa. tem andado de má fé, tenho a satisfação de ninguém com verdade poder dizer outro tanto de mim.

S. Sa. quando me procurou para me entregar a correspondencia a que me refiro, não me encontrou logo, e em quanto eu não apparecia, fallou della a quem estava presente. Quando cheguei, pois, entregou-m'a, mas sem reboço nem segredo algum.

Não pude deixar de ficar admirado, pois não assignando S. Sa. essa correspondencia com o seu verdadeiro nome, parece que m'a devia entregar confidencialmente, e não de modo que alguma pessoa estranha o soubesse, mas S. Sa. não se importou com isso, e tambem me não deixou por escripto o seu verdadeiro nome, como fazem todos os correspondentes deste jornal, embora os seus escriptos sejam publicados anonymamente, ou de um modo similhante.

Depois fixei a minha attenção sobre a citada carta, e vi que ella continha expressões de ordem tal, de que eu não devia tomar a responsabilidade: o seu auctor, que se ufana de ser logico, ha de convir que, á luz da boa logica, só elle é que deve ser responsavel pelo que imagina, escreve e publica, e não eu que nada tenho com as acções dos outros, sejam boas, ou sejam más.

Nestes termos, pois, entendi ainda que o dito senhor não devia ser excepção odiosa da praxe, que se acha estabelecida para todos os correspondentes, e por isso escrevi-lhe de muito boa fé a seguinte carta:

Illmo. Sr.
Tendo pensado bem sobre a correspondencia que V. Sa. me entregou para ser publicada no *Ta-ssi-yang-kuo*, entendo que com essa publicação viria a pesar sobre mim grave responsabilidade pelo facto de V. Sa. a não assignar, e ella conter o principio do crime de injuria em um ou outro termo insultante; e por isso rogo a V. Sa. que se digne assignar-a, a fim de ficar responsavel pelo que nella se contém, pois foi assim que fez o individuo a quem V. Sa. se quiz agora dirigir pela imprensa, pedindo contado licença para ponderar a V. Sa. que melhor conseguiria persuadir o publico com boas razões e cortezia, como faz o individuo que V. Sa. pretende contrariar, do que com injuria, pois que os termos insultuosos são sempre mal ao ouvido, e são tambem impróprios do nosso jornal, cuja redacção força por que elle possa ser sempre um jornal sério e digno.

Son
De V. Sa.
Atto. Vr. e Serro,
J. DA SILVA,
Editor responsavel do *Ta-ssi-yang-kuo*.

Macão 20 de junho de 1864.
Por esta carta já vê o publico que me dirigi de um modo leal e franco a este individuo, como me dirigiria a outro qualquer em identicas circumstancias.

Mas o homem appareceu depois com uma resposta, em que não só prova a sua má fé, mas ainda outras

coisas, que eu por decencia não quero dizer aqui, mesmo porque o publico as conhecerá muito bem pela leitura da carta, assim como eu as conheci.

Esta carta trazia então a verdadeira assignatura do auctor, e por isso dei logo publicidade á sua correspondencia, firmada com F. A.

Ahi vaé, pois, a resposta a que me refiro do tal senhor, e peço para ella a attenção do publico. Tudo o que ella contém vaé publicado, menos a assignatura do seu auctor:

Sr. J. DA SILVA.
Editor responsavel do *Ta-ssi-yang-kuo*.

Recebi a sua carta; e em resposta digo a V. Sa. que não sou creança que me assuste e tremo á vista de *Popeos*.

Pode publicar a minha resposta, que eu fico in *totum* responsavel pelas consequencias, pois não descubro, nem com o auxilio do mais poderoso *Microscopio*, o minimo insulto; e se algumas expressões são do seu material e forma exterior aeres fortes, e se lá quizer (injurioso) são demasiadamente provocadas, e fundamentadas na verdade; e pelo modo que se faz a pergunta se dá a resposta como lá dizem.

Mas Senhor Silva, que contradicção he esta no seu *Jornal*? A sua carta surpreendeu-me de veras; fiquei pasmado, e de boa aberta quando nella me aconselha que me dirija ao publico "com boas razões e cortezia, como faz o individuo que V. Sa. pretende contrariar." Isto faz passar não só os homens, mas ainda mesmo o penesões! . . .

Se não diga-me, Sr. Silva, que palavras cheias de cortezia são estas, tantas vezes repetidas!—Santos Padres—Santos Padres.—Não he um insulto inqualificavel? Já estudou logica? Sabe tirar illações? Por ventura não querem dizer—Padres diabos—ladroens—e tudo o mais que se oppõem á boa moral e sanctidade? . . .

Pode, pois, publicar o meu artigo sem susto. E acrescento que se o não publicar, o mandarei para outra folha, e *dela venia* tambem a sua carta. Humna grande farsca produz um grande incendio.

Assigno aqui, por julgar que este documento basta—para não estar outra vez a copiar o artigo.

Son de V. Sa. Atto. Vr.

20 de junho de 1864.
P. S.—Queira por o artigo sob esta firma F. A. . . .

Ora veja agora o publico que logica é a deste senhor, para, depois de tudo isto, dizer ao *Echo* que o *Ta-ssi-yang-kuo* se contradiz! Veja o publico que logica é a deste senhor, para queixar-se ao *Echo* de que *foi preciso andar carta lá e carta cá* para ser publicada a sua correspondencia, como quem dá a entender que eu devia tomar a responsabilidade do que elle imaginou e escreveu, não he pedindo o seu verdadeiro nome, pois que assim se evitaria, como elle desejava, de que *andasse carta lá e carta cá*!

Ora veja finalmente o publico que logica é a deste homem, para chamar a si proprio um *gato escaldado*, e dizer que se cá voltasse, seria necessaria igual correspondencia, quando todos os correspondentes que aqui deixam o seu verdadeiro nome, não encontram cá hesitação em se publicarem anonymas as suas cartas!

Concluirei por dizer que estou convencido de que S. Sa., como *gato escaldado*, necessariamente havia de mandar para o *Echo do Povo* o seu verdadeiro nome, embora a sua carta venha firmada com as taes letras F. A.

J. DA SILVA.

NOTICIAS DIVERSAS.

Mau tempo.—Estivemos ultimamente ameaçados d'um tufão nos dias 20, 21 e 22 do corrente. No dia 21 o tempo apresentou-se de feia catadura, descendo alguma coisa os barometros, soprando vento ENE.NE com violencia. Felizmente não passou deste quadrante o temporal, abançando pela madrugada de 22. A chuva foi muito copiosa, principalmente desde a meia noite do dia 21. No dia seguinte abateram duas casas na rua da cadeia, não havendo victimas a lamentar.

Sinistro Maritimo.—A barca ingleza *Passing Cloud* que a 27 de maio ultimo sabiu de Hongkong, em lastro, com destino a Saigon, apanhou um grande temporal no dia 14 do corrente em 10.º de lat. N e 111.º de long. E, desarvorando do mastro grande. Arribou a Macau onde chegou a 24 do corrente.

Noticias do norte.—Alcançam a 11 do corrente as nossas ultimas cartas de Tien-tsin. Havia ali chegado o ministro dinamarque com o fim de proceder á troca das ratificações do tratado negociado ha um anno, mas via-se obrigado a partir immediatamente para Shang-hai, por lhe ter respondido o governo chinês que só ali encontraria os commissarios nomeados para essa troca. S. Ex. havia tomado passagem no vapor *Nan-ying*.

O ministro de Sua Magestade Catholica não tinha ainda podido negociar o tratado. Dizia-se que S. Ex. tencionava passar a Pekim.

Shanghai.—Lá chegaram este anno os tufões, acontecimento pouco vulgar n'aquella latitude. Dizem os jornales locais que a tempestade do dia 13 para 14 do corrente foi como ha muitos annos não ha noticia. A intensidade do vento durou seis horas. O barometro desceu a 28.94. Em terra abateram algumas casas. No mar foram grandes os de-

sastres. Afundaram-se muitos botes de carga, perdendo-se nestes 37 vidas. Em Wossung foram á praia o vapor *Wright*, barca ingleza *Syrian*, e escuna *Rebecca*, que se perderam completamente. As guarnições salvaram-se, porem a mulher e um filho do capitão da escuna *Rebecca* morreram afogados.

Ningpó.—Houve ultimamente um grande tufão nesta cidade, durante o qual mareou o barometro 28.50. Houve serias avarias em terra e no mar, sendo destruidos muitos juncos, *chops*, e botes de carga; calculam-se 200 vidas perdidas, e em 100,000 taéis os prejuizos de propriedades.

Em quasi toda a costa da China, desde Shanghai a Ningpó, e na Formosa, se soffreu nos pouco nestes ultimos dias com tufões quasi successivos.

Forças imperialistas.—Estas forças capturaram nos insurgentes a cidade Shang-shing, situada entre Yih-shing e Hoochau.

Embaixada japoneza.—Ficava a partir de Paris para Inglaterra. Julga-se que concluiram satisfactoriamente com o governo francez todos os pontos da sua missão.

Explosão.—Um armazem de polvora em Tripoli foi pelos ares com explosão. Destruiu 50 casas, matando 137 pessoas, e ferindo mais de 230.

Alabama.—O navio *Kent* chegado a Plymouth, no dia 7 de junho, de Melbourne, encontrou no dia 21 de abril em 17.º de latid. S, e 32.º de long. O, o celebre corsario *Alabama*.

Tinha acabado de queimar alguns navios americanos, e entre elles o *Rockingham* que ia de Callao para Queenstown; tinha abordo muitos prisioneiros.

Grande melhoramento europeu.—Debaixo desta epigraphé, lemos a seguinte noticia em um jornal:

Um jornalista de merecimento, o sr. Alexandre Laya, concebeu um projecto digno da maior attenção. Tem por fim principal tornar dispensavel o estreito de Gibraltar, e assim reduzir ou annullar a importancia do famoso rochedo actualmente cheio de artilheria.

Não é um projecto que interesse a Hespanha só, interessa a toda a Europa. O sr. Laya formou o plano de abrir mesmo no territorio de Haspanha um canal de grande navegação, para ligar o Oceano ao Mediterraneo. O plano já foi examinado por pessoas competentes, que o julgam realisavel. Trata-se agora de organizar a companhia financeira, para levar a cabo tão gigantesca empresa. Calcula-se em vinte mil contos de reis a despesa que occasionará a abertura do canal.

Fecundidade.—Perto de Yvetot, diz um jornal, ha uma rapariga por nome Elvira, que acaba de dar uma notavel prova da sua fecundidade. Em 18 mezes teve dois partos, e deu á luz seis criancas. Quatro ainda estão vivas, e gosam de perfeita saude.

De cada um dos partos teve tres filhos. Os dois que morreram, foi um do primeiro parto e outro do segundo. Aquelle falleceu ao oitavo dia, e este depois de alguns mezes. O marido de Elvira é um lavrador pobre, mas laborioso, honesto e honrado. As senhoras ricas da localidade têm protegido muito estes consortes.

ACTOS OFFICIAES.

Por portaria do Ministerio da marinha e ultramar de 11 de maio ultimo, se determina que os capitães dos navios portuguezes que de Macau se destinarem aos portos de Portugal, apresentem na Junta de Fazenda os seus manifestos, quando carregados, organisados nos termos dos artigos 1.º e 2.º do capitulo 4.º do decreto de 10 de julho de 1834, cujo manifesto ahi authenticado, o deve ser depois igualmente na Secretaria do governo, para, fechado, ser enviado á repartição competente do logar para onde o navio se destinara.

Por decreto de 30 de abril ultimo foram promovidos a Capitães, os tenentes do batalhão de Macau Francisco J. de Souza Alvim, e Francisco Xavier Colloca; e a Tenentes os alferes do mesmo batalhão Joaquim Manuel Gonsalves, Francisco Xavier Lobato de Faria, e Francisco A. Ferreira da Silva. Foi pelo mesmo decreto collocado no referido batalhão o Major Vicente Nicolau de Mesquita.

Por decreto de 16 do maio findo foram extensivas aos officiaes de artilheria do estado da India e estabelecimento de Macau, as disposições da carta de lei de 18 de abril de 1859, que estabeleceu gratificações correspondentes ás patentes e commissões de serviço dos officiaes de artilheria do exercito de Portugal.

Por decreto de 19 de maio foi approvado o plano de uniformes que devem usar os facultativos e pharmaceuticos das provincias ultramarinas.

Por portaria do governo de Macau, de 13 do corrente, foi nomeado para substituir o Major V. N. de Mesquita no commando do Forte da Taipa, o Capi-

ção do batalhão de Macau Francisco Xavier Collaço.

Por decreto de 16 de maio ultimo foi creado o Banco nacional ultramarino, com duração indeterminada e com o capital inicial de 4.000.000\$000 de réis.

Por ordem á força armada, de 21 do corrente, são determinadas as festas publicas que devem ter lugar no proximo dia 31, anniversario do juramento da Carta Constitucional da Monarquia, e dia natalicio de S. M. I. a duquesa de Bragança.

Foi reconhecido provisoriamente, como vice-consul da Prussia, nesta cidade, o negociante prussiano residente, Mr. H. Ebell.

NOTÍCIAS DO REINO.

Os jornaes que temos á vista alcançam até 29 de maio.

Na camara electiva foram approvadas algumas propostas para se estabelecerem salva-vidas em diferentes localidades. Tinha sido approved o projecto isentando do pagamento de direitos de mercê os foramentos de terrenos baldios, feitos pelas camaras municipaes. Alguns pareceres das commissões foram approvados sobre negocios menos importantes.

Na camara dos pares havia sido approved na generalidade e especialidade o projecto sobre a viação municipal. Foi tambem approved o parecer sobre o projecto autorisando o governo a proceder á reforma das alfandegas.

O Banco Alliança do Porto ia crear, debaixo de sua administração, uma companhia de seguros mutuos sobre a vida.

Estas associações, ainda tão novas em Portugal, já vão tendo resultados que servem de incentivo á creação de outras.

A alludida companhia chamar-se-ha *A Providente*. Dizia-se que as subscrições podiam ser realisadas dos trez modos seguintes:

1.º Com perda de capital e interesses por morte do segurado.

2.º Sem perda de capital, mas com perda de interesses.

3.º Sem perda de capital, nem de interesses.

Folgam com a multiplicitade destas bellas instituições no nosso querido paiz, pois não trazem ao povo somente um valioso recurso, trazem-lhe tambem uma boa somma de moralidade.

O sr. conego Soares Franco estava se occupando de uma obra em resposta á *Vida de Jesus*, escripta por Mr. Renan.

O fim do sr. Soares Franco é combater as ideias de Renan pelo lado philosophico e pelo lado theologico.

Devo ficar uma obra muito importante, porque é por estes dois lados que a argumentação deve ter um vigoroso alcance.

Diz-se que esta obra formará um grosso volume, e que custará apenas mil reis.

Estava para começar a exploração publica da linha ferrea do norte, desde Lisboa até Soure.

Estava para sahir para Moçambique, com escala por Cabo Verde para onde levava soccorros, a corveta *D. João I*.

Esta corveta levava a seu bordo um contingente para a guarnição de Moçambique, bem como as tripulações que deviam render as que se lá acham a bordo dos vapores *Barão de Lazarim* e *D. Maria Anna*.

Para levar soccorros a Cabo Verde, estavam tambem para sahir a corveta *Goa* e o brigue *Decisão*.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Chegam a 10 de junho os jornaes estrangeiros que nos trouxe a mala. A questão dano-germanica continua quasi no mesmo estado; a conferencia nada conclue de positivo, e o ultimo adiantamento foi para 15 de junho. O armistício prolongou-se igualmente até 26 do mesmo mez. O *Constitucional* de Paris, expressa-se ultimamente a respeito da questão allemã, de tal modo, que parece indicar ser a expressão genuina da politica franceza.

Julgá-se pois certo que o gabinete das Tulkerias apoia a completa separação da Dinamarca da parte allemã de Schleswig e do ducado de Holstein, sob o governo do principe de Augustenburgo. O novo estado será incorporado na confederação germanica, sendo o Eider a fronteira entre a Dinamarca e novo estado. Este arranjo appareceu no mesmo dia em que Mr. de Bismarck chegou a Paris, o que é de importancia, pois desejando o representante da dieta de Francfort concordar com o imperador da França neste assumpto, diz-se que da entrevista que tivera sahira assis satisfeito. Por outro lado o Imperador tem empenho de conciliar a paz no continente e de remover a contingencia de maiores complicações.

A Prussia e a Austria não de sem duvida adherir a este estado de cousas. De accordo com a França e a confederação talvez consigam neutralisar as miras da Inglaterra ligada á Russia. O desmembramento da Dinamarca não agrada contudo ao governo russo, que mandou instrucções aos seus representantes na conferencia de Londres para se lhe opporem; e não agrada, porque este desmembramento applicará á Suecia, cujo engajamento se oppõe aos interesses da Russia. A opinião sustentada por

Gorstchakoff demonstra tambem que a Russia não está, como se disse já, de accordo com o gabinete das Tulkerias.

O gabinete de Berlin demente as intenções que lhe attribuem, porém ao mesmo tempo ncarecia demasiadamente ao principe Augustenburgo.

O principe Augustenburgo exige, em um manifesto seu, que se conveniam as populações dos ducados a resolverem a questão da soberania pelo suffragio universal. Diz-se que a Inglaterra o aceitará.

O governo dinamarquez apresenta-se em crise ministerial.

O desgosto que produz a attitude da rainha Victoria é grande na Inglaterra. As esperanças todas acerca do bom aspecto dos negocios são fundadas na accessão do principe de Gales á direcção politica do paiz. Napoleão tambem está, ao que parece, fatigado do throno, e afirma-se que elle conversava com o archebispo de Paris, lhe dissera que se sentia velho, e que o seu maior desejo era descançar, e que só se occupava de transmittir a regencia do imperio a seu filho, em boas condições de tranquillidade.

A insurreição de Tunis não está acabada. Os arabes tem sido perdidos, mas ainda não se submetteram completamente.

Desta insurreição nasce agora um descordo entre a França e a Inglaterra; é symptoma d'isto o antagonismo que se apresenta em Tunis entre os agentes diplomaticos dos dois paizes. Os francezes querem dirigir o bey no sentido da completa liberdade de acção acerca dos insurgentes e na repulsa de algumas exigencias do fanatismo musulmano. Os inglezes insistem que o bey se conforme com as instrucções do enviado otomano Hafiz, reconhecendo no sultão o direito de intervir nos negocios da regencia. A França tambem contra o voto do gabinete de S. James, empenha-se em dissuadir o sultão de enviar tropas aos principados daubianos. Corria tambem como boato que a França reclama a Marrocos o chefie da insurreição de Argel, a entrega dos assassinos que em Tetuan mataram Francisco Piés, a demissão do governador e uma indemnisação de quinhentos mil francos, dando um prazo de quarenta dias para a resposta, findo o qual serão bloqueados os portos.

O parlamento inglez que se pronuncia a favor da Dinamarca, regeitou tambem, por grande maioria, em sessão de 21 de maio, a proposta feita por Mr. Lindsay acerca da mediação da Inglaterra entre os estados belligeranos da America do norte, e do reconhecimento dos estados confederados. Lord Russel sustenta que o governo britannico continuará na sua politica neutral e de reserva.

Confirma-se a noticia da captura das ilhas de *Chincha*, no Peru pelos hespanhoes. Este facto que teve lugar a 14 de abril tem creado consideravel excitação. A esquadra hespanhola visitou a bahia de Callão no dia 16, com apparencia hostil, porem voltou para as ilhas no seguinte dia. Fazem-se em Lima grandes preparativos de guerra, a fim de se resistir a qualquer ataque dos hespanhoes. Foi authorisado um emprestimo de 50.000.000 patacas para augmentar o exercito a trinta mil homens, e a esquadra a 20 navios. Um telegramma de Madrid, do dia 4 de junho diz que o consul do Peru em Madrid estava authorisado para arranjá as differenças entre os dois paizes e apalmar as difficuldades, por outro telegramma do dia 7 diz que o mesmo consul provára com documentos que Mazaredo, ministro hespanhol residente no Peru, não mandou *ultimatum* ao governo peruviano, antes da acção.

Falle-se em crise ministerial na hespanha. *Los Noticados* exhorta a opposição parlamentar a que ataque o governo que está prestes a succumbir. As noticias de S. Domingos dizem que o general Gandava tomára *Monte Christo*.

Os principados Moldo-Valacos receberam do principe Couza um golpe d'estado.

Continua a dizer-se que é desagradavel o mau estado de saude de Sua Santidade.

Da America nada ha decisivo entre os exercitos de Grant e Lee. Sigel foi batido por Breckenridge no dia 15 de maio. Butter foi surpreendido, a 16 de maio, pelos confederados do commando de Ranson. Banks chegou a Nova Orleans. Os federaes evacuram Texas.

CORRESPONDENCIAS.

SR. REDACTOR.

Li o que o sr. Padre Victorino de Souza Almeida diz no *Echo do Povo* a respeito do desagravo. Ignoro ainda a doutrina de Mr. Renan, porque ainda não vi o seu livro. Este livro contudo já o mandei vir de Lisboa para me pôr ao facto da sua textura, e depois poder fallar sobre elle um juizo seguro. Antes disso não quero, nem posso emitir opinião a tal respeito. Não vou dizer com isto que a doutrina de Mr. Renan seja boa, mas tambem não posso dizer que ella é má, porque ainda não li o que este escriptor diz. Em lendo o livro, fallarei a respeito delle, e agora vou tratar de um assumpto, que não sei se terá alguma relação com o livro ou não, mas o que é certo é que é um assumpto religioso, de que os meus patricios de Macao se devem pôr bem ao facto, para que não possam ser enganados por algum hypocrita ou religioso fingido.

Eu não sou facil de acreditar em tudo o que me dizem, porque assim aconselha a boa logica. Quando ouço elogiar um homem ou deprimil-o, não costume certo logo no que ouvi, sem que primeiro saiba ao certo a veracidade desse facto. Tenho ha tempos ouvido fallar por ahi em Victor Hugo, e quiz saber bem quem era este homem. Mandei vir livros e jornaes, dos que fallam a seu respeito, e hoje sei que Victor Hugo é o mais esclarecido sabio do mundo e o mais fervoroso apostolo da pureza e sanctidade da nossa religião christã, porque os seus escriptos, repassados de tudo o que é sublime, grande e generoso, não são somente admirados por todo o orbe catholico, são no tambem por todo o mundo illustrado. Eu confesso ingenuamente que me curvei reverente diante delles, porque sinto ineffavel

respeito pelo homem, que, mais proximo da Divindade, sabe com a sua grande razão combater todos aquellos, que, dizendo-se religiosos, querem rebaixar a nossa sancta religião ao nivel de seus caprichos profanos, para conseguirem fins altamente perigosos á humanidade.

Vou pois guiado pela divina intelligencia deste anjo humanisado, que é a alegria das gentes, o festejado dos povos e o beneficor da humanidade—mostrar com as suas proprias palavras aos meus patricios a differença que ha entre nossa a religião e os padres ou partido clerical, porque nós os fillos de Macao temos a consciencia de sermos não simples puritanos, mas verdadeiros christãos, pela fé e pela creença que temos nos quatro evangelhos, e que herdamos de nossos paes e avós.

A religião é o dedo de Deos a apontar-nos o caminho da Bemaventurança, e os padres são os ministros de Deos, mas somente quando o sabem acatar e adorar, e cumprir e ensinar a cumprir os seus preceitos angustos e sanctos.

Ouçam o que diz o christão por excellencia, o divino Victor Hugo:

"Sou dos que desejam, e de certo ninguém o contestará, son dos que se esforçam, não direi só com sinceridade, a palavra parece-me dizer pouco, mas com inexplicavel ardor, em empregar todos os meios possiveis para melhorar nesta vida a sorte dos infelizes; porém a primeira e a mais util consolação dos que gemem foi sempre a esperança. Não lha roubemos! Para suavisar-nos dores transtornas como nós, desprezamos nos immensos horizontes da immortalidade as azas luminosas da esperança infinita!

"O dever de todos os legisladores, bispos, sacerdotes e escriptores deve consistir em applicarmos, em prodigalizzarmos até todas as forças da energia social contra o flagello da miseria, para conseguirmos que todos levantem a cabeça para o céo, e que a alma e a esperança se voltem fervorosas e cheias de creença para a vida ulterior, onde reina a justiça divina, e da qual—diga-se bem alto—ninguém será repellido depois de injustamente perseguido. O que é a morte senão uma restituição?

"A lei do mundo physico é o equilibrio, a lei do mundo moral é a equidade; e Deus está em ambas. Não o esqueçamos, ensinemo-lo a todos. Se o homem houvesse de descer todo ao sepulchro, não valia a pena viver. O que anima o espirito e sanctifica o trabalho, o que nos faz bons, fortes, pacientes e humildes, e ao mesmo tempo grandes e dignos da intelligencia e da liberdade, é a perpetua creença de um mundo melhor, que trazemos dentro em nós para nos dissipar as trevas da existencia terrena."

E o illustre sabio, fundado nestas solidas bases, diz assim ao partido clerical:

"Não basta que as gerações novas nos succedam, é preciso que nos continuem; por isso quero desviar de cima a vossa mão e as vossas inspirações. Que não seja demolido por vós a obra de nossos paes! Depois de tanta gloria, evitemos a nodoa de semelhante opprobrio!

"É costume antigo vosso! Quando forjais grilhões e algemas, dizeis que são a liberdade! Quando lavras a proscricção, exclamais que se promulgou uma nova amnistia!

"Nunca vos hei de confundir com a Egreja. Para vos confundir com ella, era necessario que fosse cego ou insensato, e que não soubesse distinguir o robe do musgo que o veste. Sois os parasitas, o flagello, a onfermidade da Egreja. Não sois os crentes, sois os sectarios de uma religião, cujo sentido inverteis. Sois os ensaladores da sanctidade. Não arrastae a Egreja a figurar nos vossos interesses nos vossos calculos, nas vossas doutrinas estrategicas e ambiciosas. Não lhe deis o doce nome de mãe, quando a trataes como vossa humilde escrava. Não a stormenteis para a fazer politica, e sobre tudo por piedade nunca a identifiquéis comvosco. Olhae para o perigo a que a arriscaes.

"Vede-a como está enfraquecida desde que estaes com ella? São tão poucas as sympathias que lhe grangeaes, que eréis incapazes de conseguir que o olho se voltasse de vós para ella tambem. A Egreja não carree de taes alliados e soccorros e deixae-a socegar. Quando vos assentardes, todos lha de voltar.

"Deixae-a viver pacifica, venerada, respeitada, na sua solidão, na sua abnegação e na sua humilidade, bases eternas da sua grandeza. A solidão atrair-lhe-ha os povos; a abnegação dilatara o seu imperio, e para ella a sua maior magestade foi sempre a humilidade."

Eis ahi, meus patricios de Macao, como nós devemos continuar a ser verdadeiros christãos. Respetemos sempre de todo o nosso coração a sancta religião de Christo, mas não nos deixemos illudir por aquellos, que, fazendo della um instrumento profano, nos querem em seu nome encaminhar ao precipicio, antes com todas as nossas forças a defendamos dos fingidos amigos della, que, máo grado de Deos e dos homens, a querem collocar e a nós em terrivel perigo.

Fundado como agora, Sr. Redactor, em tão solidos principios, voltarei a continuar neste importantissimo assumpto, porque tenho como um dever sa fazer este serviço á religião sancta de Christo e á minha terra.

Sou

De V. etc.

UM MACAISTA.

Macao 26 de Julho de 1864.

SR. REDACTOR.

Venho de casa do meu amigo L., que está indignado contra o tal Sr. F. A., e como o meu bom amigo lhe responde cabalmente, eu nada mais acrescentarei, ainda que não falta que tocar sobre o assumpto sujeito, porem reservo-me para outra folha, em que para accetear a lura do tal Illmo. Senhor, fallarei com toda a actividade sobre os legados dos conventos e outras coisas de vulto, bem como pedirei, respeitosa, certas explicações acerca do Cemiterio

e sua administração, tudo para bem dos meus semelhantes, que eu amo como a mim proprio.

Em quanto ao legado do Roquete, sempre direi desde já, que ali se mostra o empenho de confundir a questão, porque o legado foi a Fazenda Publica para dar o juro á Sancta Casa da Misericórdia e nada tem com o Coffre dos Pobres.

Em fim eu voltarei ao assumpto quando o amigo L. ou outra pessoa da mesma maneira habilitada não ocupe mais dignamente o espaço da sua folha.

De V. etc.

A. F.

MACAO 27 de Julho de 1864.

SR. REDACTOR.

As primeiras tres columnas do ultimo Bohe do Povo são occupadas longamente pelo Sr. F. A. que por muito dizer, não disse cousa que succo deite. Conclue o padre com dois eyos que pediam um terceiro se eu, a exemplo deste Sr., como podia e devia talvez empregar, não soubesse guardar as conveniências. O defensor do clero, do clero que ninguém ataca, fez um requerimento e alcançou uma certidão, que certifica tambem uma coisa que eu não digo, por que é clara como a luz do dia a quem tem senso commum. Contestei eu pois o que não seu requerimento allego o Sr. F. A., e vem por ventura a certidão que se passou destruído o que eu tenho dito? Não se instrurem alhos com bogalhos, cartas na meza e jogo franco, como o disse uma vez, e agora o repete.

Não responderei, Sr. Redactor, ás allusões que o Sr. F. A. faz para ver se sabe quem sou, ou para fingir que me não conhece—a mim, Sr. Redactor, que lhe valli em Sin-capura!... Cala-te boca!—nem lá pouco ao atrevimento com que elle me funde no meu amigo A. F., para não fazer sobra totas e unas, e não fazendo caso da maior parte do palanfrorio deste Sr., que se sua duvida alguma, a tal palha a que S. B. se refere, para esconder o grão de trigo, para assim acontecer que fique a verdade como vyulto em palheiro. O meu intento agora é recapitular o que tenho dito, em poucas palavras, e fazer vêr a este Sr. que o fim porque tenho fallado no Coffre dos Pobres, é para advogar os interesses dos pobres, que a meu vêr não estão bem cuidados, sendo esta uma fabrica na qual era dever do defensor do clero ser bom obreiro!

Disse, digo, e hei de dizer alto e bom som, que o Coffre dos Pobres é destinado somente a socorrer os pobres desta cidade, e que foi esse o fim da sua instituição, fim sanctificando que o queria vir levado no cabo, com interesse, sem ser obrigado a dizer o que tenho hoje obrigação. Não tenho descreditação pessoal alguma, e podia fazer-o; não dirigi insultos, e não tenho culpa que um desvariado cheio de fel, mordido não sei porque e onde, venha para a praça publica explicar as minhas palavras pelo peor sentido, hesitando-as desse fel que sempre tem nos labios, quando se apresenta em publico, quer seja como escriptor de que não percebe as formulas, quer seja no exercicio das suas funcões, em que até se esquece do logar e da cadeira que occupa!

Comecendo pela questão das fabricas, direi que na instituição do Coffre dos Pobres, algum dinheiro entrou no seu cofre de Sm. Lourenço e Sto. Antonio, porem não me consta que se fizessem declarações previas a este respeito, e parece que essa insignificante quantia então introduzida, não poderia ser accelta para se estar ad perpetuam a tirar deste cofre tudo quanto se entenda que é de despesa da fabrica. Se o R. escriptor se refere á collecta que se fez nos cofres das fabricas para aghda da reedificação da igreja da S.é, permita-me que exponha francamente a minha opinião a tal respeito. Não me parece que houvesse direito para tal fazer, e a meu vêr é esta uma questão letigiosa, que eu não seria competente para a resolver, mas que sua paternidade tambem não é. Collectaram-se as fabricas das igrejas para esta reedificação, para serem reembolsadas (creio que foi assim, e o Sr. F. A. deve saber o melhor, no isto não foi quando teve de sair de Macao) pelo Coffre dos Pobres. Poder-se-hia fazer tal? Devia um cofre desta ordem soffrer semelhante coisa? Creio que não, e as pessoas sensatas que o julguem.

A certidão que o Sr. F. A. apresenta para salvar o clero, não me desmente, porque bem sei das obrigações do cofre, e ora preciso ser franco para não as vêr tão claras na publicação que se fez da conta de 1863, publicada no Boletim do Governo de 18 de abril deste anno.

Lá estão os afluíngios, as festas religiosas, as esmolas, os juros, e mais despesas, e é esta conta e o conhecimento proprio que tenho do cofre que me levaram a levantar a voz em prol dos interesses dos pobres.

Lá está como verba de despesa a festividade de Sm. Francisco de Paula, importando em \$47.42, para a qual corre sempre subscrição pelos devotos, e não me consta que ella esteja autorizada, pois nas obrigações que tem a contrahir este cofre, onde apparecem as festas de Nossa Senhora da Luz e de Nossa Senhora Mãe dos homens, e que consta d'um documento a que ligo grande confiança, não a vejo figurar.

Lá está o tal Marcos da Luz recebendo 40 patacas em 10 mezes, á custa da fabrica da S.é, como affirma o Sr. F. A., pelo serviço que faz na mesma igreja e não por ser po-

bre para não lhe faltar com que comprar o vinho, porque dá o cavauinho, ao passo que Roza de Senna, pobre viuva, carregada de fillas, recebe apenas seis patacas por anno! E neste caso muitas outras ha que só recebem um quarto de pataca por mez, fallando em nesta só porque a conheço bem, e vistinha como é. Já acudo com o que posso, o que não faz o Sr. F. A. que tem de sustentar o seu cão de caça, &c. &c.!

Lá está abanado pelo cofre uma gratificação arrevesada, a um secretario, e que tanto a merece que o saldo de 1862 não se dá verificado por estarem por certificar as contas do exercicio annuo trezentos! E de desde 9 de abril até hoje, que decorrem cento e dezoito dias, ainda não poderam ser apresentadas para se approvarem, e verificar-se, se é positivo o balanço que na conta publicada se apresenta de \$3,399,594.

Finalmente, Sr. Redactor, diga-se toda a verdade; a conta publicada apresenta um saldo de \$3,886,515—pode está este dinheiro? Está a juros em algum banco, ou na mão de algum particular? Não está. Pela conta apresentada conclue-se que não o está; pois estando, os juros desse dinheiro devem ser uma verba de receita que lá não figura! O balanço—note-se bem—o balanço da conta passada, correspondente ao fim de 1862, é de \$3,399,594, depois seguem-se, foras e vendas, onde não ha pouca companhia, salta se os ordens de Roma e substituição, e de mais nada consta a receita. Espero se o capital existente vence juros, onde estão elles? se não está a render este dinheiro, para que se lesam assim os interesses do cofre, havendo alem disso n'elles depositos de que se pagam juros—como o patrimonio do Pe. Antonio e Beaterio do Cordeiro de Deus?

Porque não pede o Sr. F. A. certidões disto, e das causas que se deram e se estão dando, para que se não publicem as contas anteriores a 1863, estando ainda em tal estado, que o saldo de 1862 se não pode dar por verificado? Porque não pede certidão para provar se se tem cumprido com o regulamento, estando tudo escripturado, legalizada a despesa, e publicadas as contas annualmente? Porque não pede certidão em como a conta de 1863 appareceu a lume porque a autoridade competente e unica a exigiu? Porque não pede certidão do motivo porque a conta publicada não apparece approvada pela autoridade ecclesiastica que inspeciona a commissão administrativa do cofre? Porque não pede certidão, se as esmolas, que se tem dado, tem o visto ou a competente authorização da autoridade ecclesiastica respectiva?

Era com estas certidões que o Sr. F. A. me devia metter a um canto e desaño-o a que o faça.

Abandone essa questão que S. R. mesmo levantou, dos Santos Padres, d'onde não sabe, mostrando que só sabe dançar junto da papelaria, e entre na materia como deve entrar. Se o Sr. F. A. antecipou os juros da posteridade, que talvez não venha a estar de accordo com elle, chamando aos Srs. Párochos Santos Padres, S. Sa. vai, e não pouco contra a religião, metta a mão na consciencia.

Concluo, Sr. Redactor, dizendo-lhe que é lastima, e que me faz dor d'alma vêr homens que devendo trabalhar para o bom nome das cousas mais sanctas e sagradas que temos, caprichem antes em as fazer naufragar, chamando-me então falsario, hypocrita e judas, a mim, Sr. Redactor, que os conheço por fora e por dentro!

Das certidões que o Sr. F. A. não apresenta, do que diz, e do que eu acabo de lhe dizer, emprazando-o para que me desmita, com provas lexicimas, podia eu agora tirar um pouco arcos, mas não quero; apello para o publico a quem aquella soneta creatura não fanatiza, e esse avaliará.

Sou

De V. etc.

L.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha n'esta administração na Quarta-feira 10 de Agosto p. v., ás 10 horas da manha.

JOSÉ DA SILVA,

Administrador Intérino.

Correio Maritimo, Macau 28 de Julho de 1864.

PARA VENDA.

HUM lindo e bem reforçado Piano d'armario, do tres cordas, recémchegado de Allemanha, e feito expressamente para o clima da China.

Author—Breitkopf & Hartel.

Dirija-se á JOAQUIM PERES DA SILVA & Ca.

No. 37 Praia Manduco.

Macao 23 de Julho 1864.

O Sr. N. G. PETER é o meu Socio desta data em diante, e continuará a assignar o meu nome por procuração.

J. DES AMORIE VANDER HOEVEN. Macao 1.º de Julho de 1864.

QUEM achasse um Anel de Diamante, que uma pessoa perdeu na sua visita á Gruta de Camões, e o quizesse entregar ao abaixo assignado, receberia de recompensa \$20.

J. DES AMORIE VANDER HOEVEN. Macau, 18 de junho de 1864.

O ABAIXO ASSIGNADO annuncia ao publico o que, tendo dado maior desenvolvimento ás suas Officinas, achase agora ainda mais habilitado para se encarregar de todo o genero de trabalhos typographicos, executados com presteza e nitidez, por preços muito rasoaveis.

J. DA SILVA.

NA Casa N.º 31, Terraferro, vende-se Vinho Branco e Tinto da melhor qualidade em garrafas.

Macao 7 de Outubro de 1863.

ESTADO DO MERCADO.

ARROZ.—Nenhuma alteração nos preços. Esperam os chins, continuando o mau tempo, que outra vez subam. Não tem havido vendas. As ultimas cargas vindas de Bangkok e Siam estão por vender. Os preços de hoje são: Saigon a \$2.40 e 2.50; Manila \$2.40 e 2.60; Bangkok \$2.30 e 2.55; Bengala \$2.60 e 2.80.

ARRUCAL.—Espera-se bastante nos juncos de oeste. Por enquanto não apparecem compradores. O branco de 1a. qualidade, vale hoje \$8.29, e o de 2a. \$7.29 e 7.80. Trigueiro—não ha.

CANELLA.—Ha 500 picos, sem vender, e pedem a \$15.25. OLEO DE CANELLA.—Ha uma pequena porção como 15 picos, e pedem \$215.

OLEO DE ANIL.—Falta. O que havia foi vendido a \$155 e 160 por piko.

GALANGAL.—Não ha vendas. Existem 2,000 picos.

PIMENTA E ARECA.—Tem chegado muita quantidade destes dois artigos, dos Distritos; ainda não foram desembarcados, não havendo por enquanto vendas, que se saibam. A pimenta preta, vale a \$6.50 e 6.70; e a areca a 3.20.

ROTTIM.—Vale a \$4.20.

SEDA EM RAMA.—Pela de Cambeok pedem a \$305.

NÃO DE CANELLA.—Pedem a \$55 por piko.

ESTRELLA DE ANIL.—Ha 100 picos, pedem a \$12.

ALCOOL.—De Slanghae vale a \$31; o de Niangpó a \$32.

OPHO.—Patria \$502, Bezares \$488.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 14 a 21 de Julho.

ENTRADAS.

- Julho 21—Lorcha portugueza No. 51—Nossa Senhora da Esperança—Patrão, J. C. Carion—104 toneladas—arribada por causa do mau tempo.
23—Barca franceza Claire—Capitão, L. Robert—498 toneladas—de Hongkong, em lastro.
23—Brigue dinamarqueza Paul—Capitão, R. Tensen 185 toneladas—de Saigon, com arroz.
24—Barca oldemburgesa Sylphide—Capitão, E. Ossenbruggen—518 toneladas—de Vampu, em lastro.
24—Barca ingleza Passing Cloud—Capitão, W. C. Clement—490 toneladas—arribada com avaria grossa tendo sahido de Hongkong para Saigon no dia 27 de maio ultimo.
26—Barca hollandeza Oreste—Capitão, Faimin—297 toneladas—de Batavia, com arroz, o rotim.
26—Barca ingleza Chanticleer—Capitão, Vowell—336 toneladas—de Vampu, com cha.
26—Barca franceza Maria—Capitão, Thin—251 toneladas—de Rangoon, com arroz.

SAHIDAS.

- Julho 22—Barca alemeza Bis-ou-há—Capitão, Anguan—250 toneladas—para Hongkong, com a mesma carga com que entrou.
25—Lorcha portugueza No. 51 Nossa Senhora da Esperança—Patrão, J. C. Carion—104 toneladas—para Amol, com medicamentos chins.
26—Escuna dinamarqueza Elise Mary—Capitão, F. Kuster—158 toneladas—para Hongkong, com assucar.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 28 DE JULHO.

Table with columns: ENTRADA, APARELHO, NAÇÃO, NOME, CAPITÃO, TON., PROCEDENCIA, CONSIGNATARIO, ANCORADÓRO, DESTINO, OBSERVAÇÕES. Lists ship arrivals and departures for July 28, 1864.